

NAMORO: UMA RELAÇÃO DE VIOLÊNCIA ENTRE JOVENS CASAIS¹

Marlene Almeida de Ataíde²

Resumo:

O presente artigo resulta de uma pesquisa qualitativa, ancorada pela metodologia da história oral, enquanto suporte investigativo. Teve como objetivo conhecer a partir das narrativas de duas jovens universitárias o fenômeno da violência nas relações de namoro. Nesta perspectiva desvelar os argumentos que defendem para submeter-se a uma relação de violência pressupõe apreender os significados que atribuem ao (s) tipo (s) da (s) violência (s) sofrida (s). Assim, esta pesquisa buscou investigar a violência de gênero, ou seja, as ações ou condutas, baseadas no gênero, que podem causar a morte, além do dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, pois, tais eventos dessa natureza podem ocorrer tanto no espaço público como no privado. A violência de gênero expressa as relações de poder historicamente desiguais entre homens e mulheres.

Palavras chave: Juventude. Namoro. Gênero. Violência de gênero. História Oral.

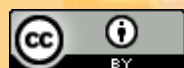
1 INTRODUÇÃO

1.1 A INVISIBILIDADE DA VIOLÊNCIA NO NAMORO

Preliminarmente é necessário lembrar que discorrer sobre a categoria juventude(s), nos remete ao reconhecimento da sua historicidade para então, questionar a sua universalidade, pois, essa categoria possui variações não apenas nas idades cronológicas, mas também, nas expectativas que as sociedades constroem sobre esses sujeitos. Por outro lado, viver a condição juvenil na perspectiva de gênero é também diferenciar-se “[...] em função de desigualdades de gênero, de preconceitos e discriminações que atingem diversas etnias” (NOVAES, s/d, p. 2). Desta forma pode-se inferir que “[...] diferentes segmentos juvenis formam um complexo caleidoscópio no qual se entrelaçam indicadores sociais reveladores” (NOVAES, s/d, p. 2).

¹ Parte deste artigo foi apresentado oralmente no X Encontro Regional Sudeste de História Oral “Educação das Sensibilidades: violência, desafios contemporâneos” no período de 10 a 13 de setembro de 2013, na Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

² Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora do Curso de Serviço Social da Faculdade Tijucussu - São Caetano do Sul, SP e Universidade de Santo Amaro, São Paulo, SP. E-mail: maataide@yahoo.com.br



Dentre os indicadores sociais reveladores há a violência de gênero enquanto um fenômeno que atinge todas as classes sociais, independente do nível de instrução e recursos socioeconômicos. Neste *paper* a discussão centra-se numa das dimensões da violência de gênero que envolve a(s) juventudes(s), ou seja, aquela que ocorre no âmbito das relações amorosas entre jovens casais de namorados. Nos últimos tempos, parece que o Brasil descobriu que namoro, violência e juventude se cruzam e entrecruzam na dinâmica de diferentes casais de namorados, uma vez que notícias sobre violências cometidas por ex-namorados ou namorados têm sido amplamente exploradas na mídia impressa e televisiva.

Importante ressaltar que no Brasil a violência de gênero surge enquanto categoria de estudos para desmascarar as gritantes desigualdades entre homens e mulheres no final dos anos 90. (GOMES, 2111).

Considera-se por outro lado que esse fenômeno da violência entre jovens casais de namorados faz parte de um contexto amplo de relações que são constituídas culturalmente e a mídia se coloca enquanto um importante fator de socialização que influencia na construção da violência e nas subjetividades dos jovens no mundo contemporâneo. Para Almeida et. al. (2008, p. 4), a violência pode ser compreendida como “[...] um dado cultural e societário, com uma grande variação em suas formas de manifestação, em função do contexto sociocultural em que ocorre, e da diversidade e complexidade dos valores que assume, em cada um destes contextos particulares”.

Nos últimos anos pesquisas e estudos divulgados demonstram que a violência de gênero juvenil na fase do namoro é um acontecimento que ocorre de forma ininterrupta e habitual demonstrando que essa violência não surge apenas no casamento, mas se inicia nas relações de namoro.

Por outro lado há uma banalização de certos atos de agressão entre os jovens namorados que não são percebidos como violentos e se tornam invisíveis e que de acordo com Gomes (2011, p. 140), “[...] Parte-se do pressuposto de que essas relações se inserem em contextos que, influenciados por certos modelos hegemônicos de gênero, tanto podem se relacionar à produção de violências quanto podem contribuir para a invisibilidade da própria vida”

Essa violência, frequentemente, é insensível e invisível para suas próprias vítimas, sendo produzida e reproduzida pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento ou do desconhecimento, ou ainda do sentimento (BOURDIEU, 1999, *apud* GOMES, 2011, p. 141).

Trata-se, portanto de mecanismos sutis de dominação e de exclusão social utilizados por indivíduos, grupos ou instituições e por intermédio dela ocorre a dominação sustentada pela não aceitação de regras e sanções, ou devido a incapacidade de conhecimento de regras e direitos.

Gomes (2011, p. 151) frisa que, “Para lidar com a violência simbólica nessas reações, é de fundamental importância fazer o estranhamento das marcas identitárias de gênero, por meio de sua desnaturalização. Ressalta como importante desafio em tal tarefa indagar as características tidas como universais ao ‘ser homem’ e ao “ser mulher” e também realizar uma crítica sobre a desqualificação de um gênero para beneficiar o outro (GOMES, 2011).

Partindo dos pressupostos de Gomes é importante atentar para esses e outros estranhamentos que certamente irão contribuir para que pensamentos, sentimentos e ações silenciosas que oprimem sejam nomeados como violência, para fazer com que algo tido como inexistente passe a existir.

2 A DEFINIÇÃO DE GÊNERO

Na sua clássica obra “*Segundo sexo*” Simone de Beauvoir (1980) já dizia que não se nasce mulher, torna-se mulher. A noção da categoria gênero vem muitas vezes sendo confundida com a ideia de sexo feminino, quando em realidade surgiu exatamente para destacar essa distinção, pois sexo indica uma diferença anatômica inscrita no corpo, gênero significa uma construção social, material e simbólica, a partir dessa diferença, que transforma bebês em homens e mulheres, em cada época e lugar de diferentes maneiras. (SCHAIBER; D’OLIVEIRA, 1999).

Por outro a construção dos gêneros ocorre por intermédio das relações sociais, ou seja, os seres humanos só se constroem como tal na relação com os outros. Saffioti (1992, p. 210) considera que, “[...] não se trata de perceber apenas corpos que entram em relação com outro. É a totalidade formada pelo corpo, pelo

intelecto, pela emoção, pelo caráter do EU, que entra em relação com o outro. Cada ser humano é a história de suas relações sociais, perpassadas por antagonismos e contradições de gênero, classe, raça/etnia”.

Assim, o modo como homens e mulheres se comportam em sociedade corresponde a um intenso aprendizado sociocultural que nos ensina a agir conforme as prescrições de cada gênero. Há uma expectativa social em relação à maneira como homens e mulheres devem andar, falar, sentar, mostrar seu corpo, brincar, dançar, namorar, cuidar do outro, amar etc. Conforme o gênero, também há modos específicos de trabalhar, gerenciar outras pessoas, ensinar, dirigir o carro, gastar o dinheiro, ingerir bebidas, dentre outras atividades.

De acordo com Saffioti (2004, p. 136) “[...] o gênero está longe de ser um conceito neutro”. Pelo contrário, ele “[...] carrega uma dose apreciável de ideologia” justamente a ideologia patriarcal, que cobre uma estrutura de poder desigual entre mulheres e homens, pois na visão da autora “[...] o conceito de gênero, não atacaria o coração da engrenagem de exploração-dominação, alimentando-a”.

Para Scott (1995, p. 86), gênero é essencialmente definido como uma interseção entre duas proposições: “(1) gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e “(2) o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.

Desta forma, a tentativa de construir o ser mulher enquanto subordinada, ou melhor, como diz Saffioti (1992), como dominada-explorada, vai ter a marca da naturalização, do inquestionável, já que dado pela natureza. Todos os espaços de aprendizado, os processos de socialização vão reforçar os preconceitos e estereótipos dos gêneros como próprios de uma suposta natureza (feminina e masculina), apoiando-se, sobretudo na determinação biológica. A diferença biológica vai se transformar em desigualdade social e tomar uma aparência de naturalidade.

3 NAMORO E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

*“Vivemos num mundo onde temos que nos esconder para fazer amor,
enquanto a violência é praticada a luz do dia”
John Lennon*

No Dicionário Houaiss, da língua portuguesa, a palavra “namoro” significa ato ou efeito de namorar, uma relação de namorados (*que se prolongou em noivado, mas não chegou ao casamento*). “O namoro é caracterizado, sobretudo, pela estabilidade da associação entre duas pessoas, que é inversamente relacionado à probabilidade que uma pessoa vai deixar a relação” (BERTOLDO; BARBARÁ, 2006, p. 229).

De um modo geral o namoro pode ser compreendido como uma relação diádica que envolve interação social e realização de atividades em conjunto com uma intenção, explícita ou não, de continuar a relação até que uma das partes termine ou até que seja estabelecida uma relação de maior compromisso (por exemplo, casamento ou coabitação) (STRAUS, 2004, Apud OLIVEIRA, 2011, p. 3).

No entanto, o namoro tanto pode ser uma relação saudável como pode ser uma relação prejudicial (neste último caso quando está presente a violência). Para uma relação de namoro ser saudável, parecem existir fatores determinantes, como é o caso da existência de crenças, valores e interesses em comum, o investimento emocional, proximidade física e emocional, respeito e comunicação, honestidade, confiança, atração, diversão, entre outros. Por sua vez, numa relação negativa, a pressão dos pares por não aceitarem o novo elemento do casal, um(a) namorado(a) controlador(a), possessivo(a) ou ciumento(a), a dependência do outro, a infidelidade, o álcool, problemas familiares, etc., parecem ser fatores influenciadores da situação de violência.

Em sua obra *“A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas”*, Giddens (1993), argumenta que a vivência do que ele denominou de relacionamento puro só se tornou possível pelas transformações ocorridas na intimidade. Ao discutir sobre o amor romântico o referido autor, pressupõe o estabelecimento de um vínculo emocional durável, profundamente ligado à questão da intimidade, sendo incompatível com a luxúria. Implica em uma ligação para além do físico, ou seja, é “[...] uma comunicação psíquica, um encontro de almas que tem um caráter reparador” (GIDDENS, 1993, p. 56).

Porém, de acordo com Flake (2003, p. 6),

A grande questão que se coloca é como estas mudanças na intimidade se concretizariam numa sociedade cujo contexto social masculino é dominante, em que as mulheres têm um *status* inferior e que homens e mulheres têm tarefas diferentes, valorizadas de modo desigual na sociedade.

Contrapondo a teoria Giddeana que pressupõe o romantismo e vínculo emocional durável, o namoro é além de tudo uma fase que envolve fatores negativos, e como afirmam Minayo; Assis e Njaine (2011, p. 208) “[...] as relações amorosas contemporâneas são mais provisórias, temporárias, e contingentes”. Portanto, “[...] não existe uma linearidade temporal entre amor e paixão, amor romântico e amor confluyente, tipologias desenvolvidas por Giddens”. Amor romântico e outras tipologias descritas por Giddens na fase do namoro não significa *a priori* em afetos, carinhos, flertes, galanteios entre outros, mas pode transformar-se, também, numa relação de violência a qual é denominada de violência de gênero. Saffioti e Almeida (1995) utilizam a expressão violência de gênero como um padrão específico de violência que visa à preservação da organização social de gênero que fundamenta a hierarquia e a desigualdade que subalternizam o gênero feminino. Essa organização se amplia e se reafirma, ao passo que o poder masculino é ameaçado. A violência de gênero se caracteriza por apresentar duas faces da mesma moeda: o poder e a impotência. Na visão das autoras a violência de gênero é produzida no interior das densas relações de poder e revela a impotência de quem a perpetra para exercer a dominação-exploração.

Esse fenômeno está relacionado ao poder, por onde de um lado impera o poder legitimado socialmente dos homens sobre as mulheres (e crianças) e de outro, está amparado por uma ideologia dominante que lhe dá sustentação.

Essa violência que ocorre durante o período do namoro é analisada da seguinte forma,

No imaginário social, costuma haver uma ideia de que namoro não é lugar de violência. [...] Outra possível hipótese para a representação do namoro como o não lugar da violência também pode estar associada à percepção de que a violência de gênero se situa nos relacionamentos percebidos como mais estáveis ou mais estruturados, como é o caso do casamento. O namoro como fase do conhecimento não se encaixaria nessa situação (GOMES, 2011, p.142).

Tal violência manifesta-se em diferentes formas, como assassinato, punhaladas, espancamento, estupro, tortura, abuso sexual, assédio sexual, ameaças, humilhação, prostituição forçada e tráfico.

Para fins ilustrativos, o caso mais emblemático e que chocou toda a sociedade, e pode servir de exemplo para o fenômeno da violência de gênero ocorreu em outubro de 2008, no Município de Santo André na Grande São Paulo, fartamente divulgado pelos meios midiáticos. A jovem Eloá Cristina Pimentel, na época com 15 anos, sofreu sequestro pelo ex-namorado Lindemberg, então com 22 anos, que a manteve em cárcere privado na mira de um revólver durante vários dias, culminando com o brutal assassinato da jovem que sofreu um tiro na região genital e outro na cabeça. Tudo isso televisionado e exibido à exaustão em várias emissoras sem contar as tentativas de negociações com o sequestrador sem sucesso. Segundo matéria publicada no portal Globo. No dia 17 de outubro de 2008, o repórter Rodrigo Bocardi, traz a seguinte informação sobre o caso,

Lindemberg, conhecido como Liso, apaixonou-se pela morena Eloá. Namoraram por dois anos e sete meses. Brigaram muito. Mais de 10 vezes. O relacionamento chegou a ser interrompido. Em alguns momentos, segundo ele, com violência. ‘Já terminei o namoro com ela e ela colocou uma faca no pescoço e falou que não viveria sem mim’, contou Lindemberg. [...] Mas foi ela quem, em agosto, decidiu: não tinha mais volta. Ele ligava sempre, ela não atendia. Nos últimos dias, Lindemberg parecia perturbado com o fim do namoro. (BOCARDI, 2008).

Este fato que causou clamor social alertou para a ampliação dos debates nos meios acadêmicos e por outro lado chamar a atenção da área da Saúde sobre a questão da violência, pois conforme o refrão da música “*um tapinha só não dói*”, mas provoca, além da dor, marcas indeléveis para toda vida, com “[...] danos como adoecimentos, que acometem diferentes partes do corpo e também a mente, como agravos mais gerais, como sofrimentos transtornos mentais variados e dores inespecíficas” Schaiber [et al.] (2005, p. 91). A violência de gênero não apenas expressa uma questão de violação dos direitos humanos, mas afeta, sobremaneira, a saúde. Portanto, as autoridades que respondem pela área da saúde devem promover uma estruturação nos programas de prevenção direcionados ao atendimento específico do segmento populacional vítima da violência de gênero.

Outro aspecto a ser ressaltado é que o fenômeno da violência contra as mulheres decorre em todas as fases da vida, pois pode se iniciar ainda na infância e acomete todas as classes sociais. Essa violência que atinge mulheres no âmbito doméstico são fenômenos sociais e culturais ainda cercados pelo silêncio e pela dor.

Desde a década de 50 do século XX a violência contra a mulher é referida de diversas formas, ou seja, designada como violência intrafamiliar. Vinte anos depois passa a ser referida como violência contra a mulher e nos anos 80, recebeu o nome de violência doméstica. Somente na década de 90, os estudos passam a tratar essas relações de poder, em que a mulher em qualquer faixa etária é submetida e subjugada, como violência de gênero.

A Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher (Convenção de Belém do Pará, 1994) define tal violência como “qualquer ato ou conduta baseada no gênero que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública quanto privada” (ASSEMBLÉIA GERAL DA ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS, 1994, p. 9).

Essa forma de violência pode ocorrer no âmbito familiar ou em qualquer outra relação interpessoal, incluindo, o estupro, os maus-tratos, o abuso sexual e, ainda “pode ser perpetrada ou tolerada pelo Estado e seus agentes, onde quer que ocorra”, Portanto, deve ser objeto de estudos e proposições afirmativas para sua erradicação. (ASSEMBLÉIA GERAL DA ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS, 1994).

A Organização das Nações Unidas afirma que a violência contra as mulheres persiste em todos os países do mundo como uma violação contundente dos direitos humanos e como um impedimento na conquista da igualdade de gênero (ONU, 2006).

A Lei Maria da Penha define a violência doméstica e familiar contra a mulher como,

[...] qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial: I - no âmbito da unidade doméstica (...) II - no âmbito da família (...) III - em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação (BRASIL, 2006, p. 1- 2).

Na Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências - Brasil (2001), o Ministério da Saúde caracteriza a violência como um fenômeno de conceituação complexa, polissêmica e controversa. Entretanto, assumem que ela é representada por ações humanas realizadas por indivíduos, grupos, classes, nações, numa dinâmica de relações, ocasionando danos físicos, emocionais, morais e espirituais a outrem (MINAYO; SOUZA, 1998).

Desta forma, a violência de gênero, na forma em que o termo foi cunhado parece mais adequada para analisar as relações violentas, pois estas são praticadas geralmente por aquele que possui maior parcela de poder numa relação e resulta da chamada superioridade masculina transmitida pela cultura sexista de nossa sociedade, que apregoa estereótipos de força, virilidade e potência, pois a violência de gênero vai além de agressões físicas, da fragilização moral.

Saffioti (1997) ao interpretar a violência de gênero frisa de forma bastante contundente que,

No que tange à violência de gênero, não é difícil observar que a mulher é considerada um mero objeto não apenas por seu agressor, mas por ela mesma. Faz parte do discurso da vítima considerar-se somente objeto, ou seja, não-sujeito. No entanto, ela se põe como sujeito tanto na situação de violência que vivencia - revida a agressão, xinga, olha com deboche, não reage etc., seja como estratégia de defesa, seja como meio de obter atenção - quanto na formação discursiva por ela construída, na qual o homem figura como algoz e ela como santa.

Mathieu (1985) apud Saffioti (1997) julga importante salientar que mulheres vítimas da violência de gênero, não deve se confundir em assumir uma condição de passividade diante da figura do homem, pois tal condição é distinta de uma postura de vítima. Alerta-nos que para poder ser cúmplice do homem, a mulher teria de se situar no mesmo patamar que seu parceiro na estrutura de poder. Só este fato a colocaria em condições de consentir na violência masculina.

No entanto, essa violência limita também a ação da mulher uma vez que ela não acontece apenas em quatro paredes, mas se faz presente em outros lugares por alegações geralmente fúteis. Além disso, carrega uma carga de preconceitos sociais, disputas, discriminações, competições profissionais, herança cultural

machista e se revela sobre o outro por intermédio de várias faces: física, moral, psicológica, sexual ou simbólica.

A prática de violência de gênero é fenômeno bastante generalizado e constitui-se na principal violação dos direitos humanos das mulheres. Tolerada pela sociedade, mantém-se por meio da impunidade acomodada na idéia de que esses fenômenos são próprios da natureza humana [...] o Estado brasileiro ainda não foi capaz de assumir uma conduta mais eficiente do ponto de vista legal e político, e tomar as devidas providências (TELES, 2011, p. 58-59).

Até um determinado momento histórico a violência contra as mulheres, era vista como uma questão pertencente à esfera privada, porém a partir de meados da década de 1980 passou a ser apreendida de maneira mais complexa e isso se deve ao resultado do trabalho dos movimentos feministas para que o Estado reconhecesse a necessidade da criação de órgãos especializados em atender às vítimas de violência e proporcionasse um tratamento legal ao assunto, vindo à tona o problema de que a violência sofrida é de cunho cultural, social e público.

Muitas vezes as diferenças entre homens e mulheres não são vistas só como diferenças, mas, como um tendo mais valor ou importância do que o outro. Isso faz com que muitos homens e mulheres sintam-se no direito de exercer diferentes formas de violência para impor suas opiniões e decisões. Ainda hoje, na nossa cultura patriarcal e machista, se espera que os homens sejam fortes, sustentem a família e resolvam problemas. No entanto, esperam das mulheres que sejam carinhosas, aquelas dos cuidados, que sejam delicadas, compreensivas, donas de casa e que acatem as decisões dos seus pais ou maridos.

Portanto quando a mulher é acometida por algum tipo de violência porque não correspondeu a uma das expectativas, por exemplo, ser carinhosa, boa dona de casa, boa funcionária, etc., denominou esse ato de violência de gênero, pois acontece não apenas no âmbito da família, mas em toda a sociedade.

É importante frisar o quanto está ficando comum a violência que se inicia durante o período do namoro e se estende para o casamento. Desta forma assistimos as cenas de amor/ódio em que mulheres, ou homens são maltratados e por vezes assassinados.

Por outro lado tem-se que a existência de violência no namoro é contrária à crença de que esta fase da vida dos jovens é a melhor etapa da relação de um casal. Ledo engano! Os estudos realizados nos últimos anos demonstram que a violência no namoro é um fenômeno frequente e habitual evidenciando que não surge apenas de forma espontânea no casamento, mas com frequência se inicia nas relações de namoro, cujos episódios estão quase sempre associados ao consumo e/ou abuso de substâncias e psicopatologias.

Os casais que vivenciam a violência em seus relacionamentos afetivo-sexuais constituem uma amostra representativa da capacidade do ser humano ao se adentrar nos labirintos da destruição, do sofrimento e do indefensável (BARBERÁ, 2004).

De acordo com Madanes (1993), *apud* Barberá (2004) em nome do amor são construídas verdadeiras situações de tortura emocional, que, entretanto, são negadas em razão do próprio amor. Nem por isso elas infringem menos sofrimento aos parceiros para a qual a chantagem afetiva é articulada para se conseguir algo. Pessoas de quaisquer idade e gênero, em todos os tipos de relacionamentos, podem sucumbir a este tipo de estratégia psicopatológica perpetrada conscientemente ou inconscientemente pelo agressor. Exemplos de chantagens são os mais diversificados possíveis: pressão do chantagista, geralmente cercada de ameaças como, por exemplo, suicidar-se em oposição à resistência da vítima em atendê-lo por sentir ir contra seus princípios ou vontade.

4 A PESQUISA QUALITATIVA E A HISTÓRIA ORAL: FONTES COMPLEMENTARES

O trabalho investigativo se pautou em uma pesquisa de natureza qualitativa – que indica uma relação dinâmica entre o sujeito e o mundo real, uma interdependência viva entre pesquisador e o sujeito da pesquisa – um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade dos sujeitos no processo investigativo. Trata-se de pesquisa em que duas jovens de 19 e 21 anos de idade sofreram de violência e foram entrevistadas para narrar os sentimentos/experiências

que detém sobre o fenômeno da violência de gênero.

Martinelli (1999, p. 25), ao referir-se às pesquisas qualitativas, apresenta com ênfase que “[...] muito mais do que descrever um objeto, busca-se conhecer trajetórias de vida, experiências sociais dos sujeitos”, pois na pesquisa qualitativa o pesquisador é também “um sujeito da pesquisa”. Frisa, ainda, que a pesquisa qualitativa permite que o profissional busque expressão e sentido dos sujeitos e suas histórias. “[...] a relação entre a pesquisa quantitativa e qualitativa não é de oposição, mas de complementaridade e de articulação” (MARTINELLI, 1999, p. 27).

Segundo Minayo; Sanches (1993, p. 144-245), a pesquisa qualitativa,

Em outras palavras, do ponto de vista qualitativo, a abordagem dialética atua em nível dos significados e das estruturas, entendendo estas últimas como ações humanas objetivadas e, logo, portadoras de significado. Ao mesmo tempo, tenta conceber todas as etapas da investigação e da análise como partes do processo social analisado e como sua consciência crítica possível.

Pesquisa com abordagem qualitativa se distingue também pela maneira de aproximar sujeito e objeto, partindo do princípio de que ambos pertencem à mesma natureza (MINAYO; SANCHES, 1993).

Do ponto de vista metodológico a história oral utilizada neste trabalho pois, “[...] a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na *visão* e *versão* que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais”. (LOZANO, 2006, p. 16). Camargo (1994, p. 75-76) ressalta que “[...] a história oral, no fundo, é um instrumento pós-moderno para se entender a realidade contemporânea. [...] Pós-moderno por sua elasticidade, por sua imprevisibilidade, por sua flexibilidade”.

Na discussão em seu texto sobre a visão do historiador modernista Chartier (1996), reforça a posição quando afirma que a proximidade, longe de ser um inconveniente, permite um melhor entendimento da realidade estudada, e conforme as suas palavras,

[...] o historiador do tempo presente é contemporâneo de seu objeto e, portanto partilha com aqueles cuja história ele narra as mesmas categorias essenciais, as mesmas referências fundamentais. Ele é, pois o único que pode superar a descontinuidade fundamental que costuma existir entre o aparato intelectual, afetivo e psíquico do historiador e o dos homens e mulheres cuja história ele escreve. [...] Para o historiador do tempo

presente, parece infinitamente menor a distância entre a compreensão que ele tem de si mesmo e a dos atores históricos, modestos ou ilustres, cujas maneiras de sentir e de pensar ele reconstrói. (CHARTIER, 1996, p. 216).

Ao discutir a importância da história oral Portelli (1997), a tem como um recurso de para as pesquisas qualitativas. Este autor nos alerta para a subjetividade do sujeito que expõe seus relatos, enfatizando como elemento precioso inigualável a qualquer outra fonte, pois a história oral expressa, além dos eventos, os significados; a aderência ao fato cede passagem à imaginação, ao simbolismo.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS: O SOFRIMENTO REVELADO

“O amor é cego, e os namorados nunca vêem as tolices que praticam.”
William Shakespeare

“Enquanto ela ama, que ela for amada e necessária ao amado, ela se sente totalmente justificada”.
Simone de Beauvoir

As jovens entrevistadas foram tratadas pelo codinome de uma flor. Assim, a primeira jovem entrevistada recebeu o nome de Angélica. Tem 21 anos de idade, trabalha numa empresa onde exerce a função de atendente, estudante universitária, cursa o primeiro ano de Engenharia Ambiental. A segunda jovem recebeu o nome de Azaléia, possui 19 anos, estudante universitária, cursa o 3º semestre do curso de enfermagem. Convidadas para participar da entrevista não mediram esforços demonstrando prontidão e nenhuma objeção em narrarem o fenômeno da violência que foi manifestada nas suas experiências com os ex-namorados. Assinaram o Termo de Consentimento que lhes foi concedido para informar o objetivo da entrevista tendo concordado na íntegra em prestar seus depoimentos. Vale acrescentar que não foi tarefa fácil encontrar duas jovens dispostas em narrar suas experiências. Geralmente quando se trata da violência de gênero as mulheres agredidas sentem-se constrangidas e ao mesmo tempo cautelosas, por temerem críticas desrespeitosas aos seus modos de vida. No caso das duas jovens em questão conforme mencionado anteriormente, houve a pronta aceitação, tendo em vista que me foram apresentadas por pessoas do meu convívio acadêmico, portanto não houve objeção ao convite para as entrevistas.

A jovem Angélica foi a primeira a ser entrevistada, muito simpática e bonita apresentou-se sorridente, leu o termo de consentimento e logo iniciamos o nosso dialogo quando num determinado momento narrou que “[...] quando a gente ficava e não tinha nada sério eu tinha de 17 para 18 anos”.

Lembra que,

No começo do nosso namoro ele era uma ótima pessoa, nunca imaginei, e nunca ninguém havia me falado da personalidade dele. Então quando a gente começou a namorar se dava muito bem. [...] quando a gente assumiu o namoro sério foi o meu primeiro namorado, eu o levei em casa, e um dia, parece mentira, no outro dia que eu o tinha levado em casa, ele mudou totalmente comigo.

A jovem Azaléia bem diferente da Angélica embora muito bonita demonstrava ser uma pessoa bastante triste. Ao iniciar a sua narrativa comentou que conheceu o seu ex-namorado com então 20 anos e ela com a idade de aproximadamente 15 anos. Lembrou que logo no início do namoro, num determinado dia, ela se encontrava menstruada e “[...] ele queria porque queria fazer sexo comigo.” Diante da negativa,

[...] ele passou a me chutar, me deu vários pontapés porque não concordei com ele. No dia seguinte ele apareceu na minha casa como se nada tivesse ocorrido, me levou flores e eu não podia falar nada para os meus pais para eles não pedirem para desmanchar o namoro, pois eu gostava muito, muito dele. Numa outra ocasião ele foi me buscar na escola e eu estava conversando com um colega e ele já chegou me esbofeteando sem eu saber o porquê e depois ele falou que estava com ciúmes. Então ele era uma pessoa muito agressiva e acho também porque tinha uma diferença de idade, quando comecei a namorar eu não tinha ainda, nem 15 anos e ele já tinha vinte eu acho que era isso.

A violência contra a mulher diz respeito, pois, a sofrimentos e agressões dirigidos especificamente às mulheres pelo fato de serem mulheres. Como termo genérico, agora para referir à situação experimentada pelas mulheres, quer remeter também a uma construção de gênero, isto é, se em primeiro lugar evidencia uma dada ocorrência sobre as mulheres, também quer significar a diferença de estatuto social da condição feminina, diferença esta que faz parecer certas situações de violência experimentadas pelas mulheres – especialmente a violência que se dá por agressores conhecidos, próximos e de relacionamento íntimo, como experiências de vida usuais.

Ao discorrer sobre a representação da violência contra a mulher as jovens trazem os seguintes argumentos:

Pra mim que já passei por isso acho que hoje em dia não é somente a violência física, mas também a verbal, xingamentos, palavrões tudo mais que me desestimulava também, agressão física também, pois a partir do momento que uma pessoa grita com você... [...] uma hora ela fala alto, pega no seu braço forte, por ai vai, por ai que começa, ele gritou eu grito mais alto ainda, porém um dia, um grito que a pessoa dá acaba dando um tapa no rosto, com agressão verbal e isso dói mais do que um soco na cara (Angélica).

Ah! Eu acho que é uma forma do homem querer nos intimidar, achar que ele é mais forte e que pode fazer da mulher gato e sapato. Ele não só me agrediu fisicamente, mas também usava palavras indecorosas, falava que mulher só gosta de homem que tem dinheiro, me xingava de vagabunda, pilantra... Uma vez ele me prendeu entre as pernas dele e cortou o meu cabelo todo picotado. Eu fiquei arrasada e depois ele disse que eu encontrasse um jeito de não contar para ninguém o que aconteceu, senão ele ia cortar o meu pescoço. Foram tantas as humilhações que passei... (Azaléia).

Quanto aos tipos de violências sofridas durante o período do namoro ambas narraram que,

[...] eu peguei uma mensagem dele no celular de uma mulher falando “amor já estou saindo.” Quando eu falei assim: acabou ele me jogou na cama e me puxou pelo cabelo e não tinha ninguém, começou a me agredir com uma cinta então falou que me matava e a fivela da cinta pegou no meu olho. [...] eu fiquei internada durante três dias que foi o fim do relacionamento mesmo, pois ele acabou com uma parte direita do meu olho com um cinto quando eu descobri que ele estava me traindo que ele virou o capeta. (Angélica).

Com aquele homem, se é que posso hoje chamá-lo de homem sofri todos os tipos de violência: física, sexual, psicológica, enfim, não gosto nem de lembrar o tanto de sofrimento. Pelo fato de ser mais nova do que ele eu ficava com medo de denunciar e ele me matar. Eu precisava ficar escondendo dos meus pais as marcas que ele deixava pelo meu corpo, pois na frente dos meus pais ele agia como se fosse um cavalheiro e na ausência deles me tirava o couro. Nem para as minhas amigas eu contava para não ser criticada e quando elas percebiam manchas no meu corpo ou feridas eu falava sempre que escorreguei que cai, mais nunca contava a verdade por medo dele saber e fazer coisas piores comigo (Azaléia).

Os argumentos usados para submeterem-se à violência são bastante semelhantes entre as duas jovens, ou seja, a crença de que os ex-namorados poderiam mudar, conforme as narrativas que seguem,

Mas era o meu primeiro namorado posso falar que pra mim era o melhor homem do mundo eu gostei muito dele... [...] dava a vida por ele, eu gostava muito dele e o meu maior medo era descobrirem o que ele fazia comigo,

fazer algum mal para ele porque na verdade, eu me submetia, porque todo dia eu acordava pensando que aquilo ia mudar, no fundo no fundo eu tinha, e ainda tenho esperança que ele possa se encaminhar então eu falei assim: bom se ele não é... então eu posso ajudar ele, não só nisso, era tê-lo. Ele era bipolar. Então tinha dia que ele... Ele na verdade tinha dia que ele acordava me dava beijos, ai havia brigas e ele me batia e na medida em que ele me batia ele me abraçava e chorava. Ele realmente não tem uma definição, tinha dia que ele era realmente super carinhoso, tinha dia que ele me batia, mas a todo o momento que ele me agredia ele sempre me ligava em seguida e falava que me amava que o amor que ele tinha pela mãe dele era o amor que ele tinha por mim, ao mesmo tempo, às vezes ele me batia e chorando dizia que me amava, mas sentimento... ele nunca me amou o sentimento que ele tinha era de posse por mim, nem ele mesmo sabia qual era o sentimento real dele, eu sei que ele era muito bipolar, ao mesmo tempo que ele era carinhoso era agressivo tinha dia que ele era agressivo totalmente, ele não me dava atenção. (Angélica).

Promessas... Promessas dele que ia mudar, que me espancava ou me xingava, quando estava com a cabeça quente devido as questões dele particulares, por outro lado eu gostava dele pois foi o meu primeiro namorado mais sério e eu achava que ele ia mudar, ao mesmo tempo que ele me batia me mandava flores, bichinhos de pelúcia e como toda menina sonhadora eu acreditava que ele também gostava de mim. Teve um dia que não deu mais, foi quando viajamos para um acampamento ele tomou mais de uma caixa de cerveja, me imobilizou me bateu até eu desmaiar me deixando sozinha na barraca do *camping* e foi para uma festa que tinha próximo ao acampamento. Quando eu acordei estava sozinha toda suja de sangue sem poder me levantar e quando ele voltou me forçou a ter sexo com ele, ou seja, eu fui estuprada naquele dia e não pude fazer nada. Moral da história: quando cheguei à minha casa não pude mais negar para os meus pais a situação que ocorreu. Meus pais me levaram para o Hospital, prestei queixa contra ele na Delegacia da minha cidade, mas não aconteceu nada com ele. Hoje sou uma pessoa traumatizada e não consigo mais me aproximar de outro homem, pois acho que é igual ao outro (Azaléia).

Ao analisar as narrativas das duas jovens ambas evidenciam o sofrimento que passaram nesse enlaçar-se, pois cada uma ao seu modo experimentou variados tipos de agressões que foram submetidas não somente do ponto de vista das agressões físicas, mas e também, sexual e psicológica (entendida como ameaças e agressões morais) deixando marcas indeléveis nas suas vidas.

A violência contra a mulher diz respeito, pois, a sofrimentos e agressões dirigidos especificamente às mulheres pelo fato de serem mulheres. Como termo genérico, agora para referir à situação experimentada pelas mulheres, quer remeter também a uma construção de gênero, isto é, se em primeiro lugar evidencia uma dada ocorrência sobre as mulheres, também quer significar a diferença de estatuto social da condição feminina, diferença esta que faz parecer certas situações de violência experimentadas pelas mulheres – especialmente a violência que se dá por agressores conhecidos, próximos e de relacionamento íntimo, como experiências de vida usuais.

Minayo; Assis e Njaine, (2011, p. 206), chamam a atenção ao ressaltarem que, “[...] a violência nas relações do namoro ou ‘do ficar’ deve ser compreendida no contexto da violência social, tendo em vista os aspectos históricos e sociais, sobretudo os referentes às relações de gênero”. Neste sentido “[...] a violência entre jovens namorados está atravessada por questões culturais que envolvem, em permanente tensão, a produção e a reprodução de modelos e modos de ser e de estar no mundo.”

Importante ressaltar que as motivações das violências infringidas pelos ex-namorados denotam problemas relacionados à questão das drogas e ao ciúme conforme mencionado por ambas, bem como ao sentimento de posse, que ainda tendem a enxergá-las como objetos. Outro lado que merece ser destacada a narrativa de umas das jovens para continuar se submetendo à violência argumentou que: “[...] *era o meu primeiro namorado posso falar que pra mim era o melhor homem do mundo eu gostei muito dele... Eu dava a vida por ele, eu gostava muito dele, ele sempre me ligava em seguida e falava que me amava.*” A outra jovem argumenta que: “*Promessas dele que ia mudar*”. “*Eu achava que ele ia mudar ao mesmo tempo em que ele me batia me mandava flores, bichinhos de pelúcia e como toda menina sonhadora eu acreditava que ele também gostava de mim*”.

[...] o afeto e a sexualidade são dimensões humanas que envolvem gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução experiências que são vivenciadas em fantasias, pensamentos, desejos, crenças, atitudes, valores, práticas papéis e relacionamentos. Continua a existir principalmente entre as meninas, o ‘amor romântico (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011, p. 208).

Verifica-se ainda por parte das jovens, o receio em denunciar a violência sofrida devido ao medo do agressor ou da família. Fica evidente que o processo violento envolve uma violência psicológica que impossibilita a denúncia. A narrativa da jovem Azaléia ilustra bem esta questão ao colocar que, “[...] *Pelo fato de ser mais nova do que ele eu ficava com medo de denunciar e ele me matar. Eu precisava ficar escondendo dos meus pais as marcas que ele deixava pelo meu corpo*”.

Na versão da jovem Angélica a sua narrativa traz que, “[...] *o meu maior medo era descobrirem o que ele fazia comigo, fazer algum mal para ele, porque na*

verdade, eu me submetia porque todo dia eu acordava pensando que aquilo ia mudar.”

A não-denúncia afeta as mulheres de todas as idades, nível de instrução e recursos socioeconômicos onde se constata certo conservadorismo no que se refere a reprodução de algumas práticas culturais e tradicionais que colocam a mulher numa situação de submissão em relação aos homens. Isso assegura aos homens o direito de agredir e exercer o controle sobre namoradas, esposas ou companheiras, conferindo, à mulher o dever de aceitar e silenciar tal prática.

A dinâmica da violência leva ao sentimento de desvalorização e diminuição da confiança nas próprias percepções e, conseqüentemente, a sentimentos de impotência. A Lei nº 11.340/2006 – conhecida como Lei Maria da Penha em vigor desde 2005 é considerada um marco na história de luta das mulheres, pois cria mecanismo para coibir e prevenir a prática da violência contra mulher. A referida Lei foi classificada em 2012 pelas Nações Unidas, como a terceira melhor lei do mundo no combate à violência contra as mulheres, perdendo apenas para Espanha e Chile. Não obstante, algumas mulheres ainda por medo das ameaças sofridas, pela vergonha ou pela descrença nas autoridades que deveriam protegê-las. A narrativa da jovem Azaléia bem essa questão ao narrar que, “[...] *Meus pais me levaram para o Hospital, prestei queixa contra ele na Delegacia da minha cidade, mas não aconteceu nada com ele*”.

Embora o medo seja um dos fatores que mais impedem a denúncia por parte das mulheres observa-se a descrença nas autoridades.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidenciou o quanto as jovens, sujeitos da pesquisa, tiveram suas vidas controladas pelos ex-namorados, controles estes motivados pelo excesso de ciúmes, além das ameaças de morte seguidas de frequentes agressões físicas, psicológicas, bem como de abuso sexual conforme a narrativa da jovem Azaléia. Ainda se constata a existência de assimetria de poder em favor do homem que resulta em certa medida, de práticas sociais, que fomentam a desigualdade de

gênero. Os agressores se utilizaram ainda de vários argumentos para justificar a violência, pois ao mesmo tempo em que as agredia, ofereciam mimos e se mostravam carinhosos ou pediam perdão. A existência de violência no namoro é contrária à crença de que esta fase da vida dos jovens é a melhor etapa da relação de um casal. Os estudos realizados nos últimos anos têm demonstrado que a violência no namoro é um fenômeno frequente e vem aumentando de forma habitual em todas as classes sociais evidenciando que esta não surge apenas de forma espontânea no casamento, mas que já se inicia nas relações de namoro. Pois, essa reprodução de comportamentos violentos entre casais tem sido um dos aspectos que vem sendo debatido na literatura com focalização nos modelos de aprendizagem social, pontuando que comportamentos e condutas violentas podem estar na base da transmissão da violência intergeracional. (ASSIS; PESCE; MINAYO; PIRES; OLIVEIRA, 2011). Dialogando informalmente com as duas jovens após o término das entrevistas, de forma natural foram unânimes em colocar talvez como forma de desabafo, ou para justificar a conduta dos ex-namorados que os pais destes eram pessoas violentas que subjugavam as esposas e estas não tomavam uma posição no sentido de desvencilharem-se das agressões físicas ou psicológicas que estavam submetidas. Tal argumento corrobora com o acima exposto, ou seja, que esta violência de gênero é transmitida de maneira intergeracional e expressa nas relações de poder historicamente desiguais entre homens e mulheres.

DATING: A RELATIONSHIP OF VIOLENCE BETWEEN YOUNG COUPLES

Abstract:

This article results from a qualitative research, anchored by the methodology of oral history as investigative support. The study aimed to understand the narratives of two young university students about the phenomenon of violence in dating relationships. In this perspective, it is important to unveil the arguments supported in order to maintain a relationship of violence, requiring the understanding of the meanings they attribute to the type of violence suffered. Thus, this study sought to investigate gender violence, that is, the actions or conduct, based on gender differences, which may cause death, physical, sexual or psychological suffering to women, because these events may occur both in the public and private space. Gender violence expresses the historically unequal power relations between men and women.

Keywords: Youth. Dating. Gender. Gender violence. Oral History

NOVIAZGO: UNA RELACIÓN DE VIOLENCIA ENTRE PAREJAS JÓVENES

Resumen:

Este artículo es el resultado de una investigación cualitativa, anclada en la metodología de la historia oral, como apoyo investigativo. Tuvo como objetivo, comprender, a partir de la descripción de dos jóvenes universitarias el fenómeno de la violencia en la relación de pareja. Desde este punto de vista, desvelar los argumentos sustentados para someterse a una relación de violencia presupone apreender los significados que atribuyen al/ a lo(s) tipo(s) de violencia sufrido/s. Por lo tanto, este estudio tiene como objetivo investigar la violencia de género, es decir, las acciones o conducta, basada en las diferencias de género, que puede causar la muerte, además de la daño o sufrimiento físico, sexual o psicológico de la mujer, porque acontecimientos de esta naturaleza pueden ocurrir tanto en el espacio público como privado. Violencia de género expresa las relaciones de poder históricamente desiguales entre hombres y mujeres.

Palabras clave: Juventud. Noviazgo. Género. Violencia de género. Historia oral.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Simone Gonçalves de; PESCE, Renata Pires; MINAYO, Maria Cecília de Souza; PIRES, Thiago de Oliveira; OLIVEIRA, Raquel Vasconcellos Carvalhaes de. Violência na família, na escola e na comunidade e relações afetivo-sexuais. MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; NJAINE, Kathie. (Orgs.). **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Fiocruz 2011

ASSEMBLÉIA GERAL DA ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS, - Convenção Interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher, “Convenção de Belém do Pará, 1994”.

BARBERÁ, Elisa López. Violência e poder na vida cotidiana do casal. In: VITALE, Maria Amália Faller. (Org). **Laços amorosos: terapia de casais e psicodrama**. São Paulo: Agora, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sergio Milliet. Rio de Janeiro: nova Fronteira, 1980.

BERTOLDO, Raquel Bohn; BARBARÁ, Andréa. Representação social do namoro: a intimidade na visão dos jovens. **Psico-USF**, v. 11, n. 2, p. 229-237, jul./dez. 2006.

BOCARDI, Rodrigo. **As personalidades dos envolvidos no seqüestro**. Disponível em: <http://g1.globo.com/jomaldaglobo/0,,MUL803746-16021,00-AS+PERSONALIDADES+DOS+ENVOLVIDOS+NO+SEQUESTRO.html>. Acesso em 17 out. 2008.

BRASIL. Lei 11.340 (Maria da Penha), de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 8 ago. 2006. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CB0QFjAA&url=http%3A%2F%2Fbd.camara.gov.br%2Fbd%2Fbitstream%2Fhandle%2Fbdcamara%2F3683%2Flei_maria_penha_4ed.pdf%3Fsequence%3D5&ei=AP7tVKnmCOjfsASv44H4Cg&usq=AFQjCNFTsvdpuVPCHpqgFEiOB6ZcAT26NQ&sig2=GmuAfOM4TSWdfhlyJx8Upg&bvm=bv.86956481,d.cWc. Acesso em: 25 fev. 2015.

CAMARGO, Aspásia. História Oral e Política. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.). **História oral e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (Orgs.) **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FLAKE, Tânia Aldrighi. **Violência no namoro entre jovens universitários no estado de São Paulo**. Tese de Doutorado em medicina. Universidade de São Paulo-USP, 2013.

GOMES, Romeu. Invisibilidade da violência nas relações afetivo-sexuais. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; NJAINE, Kathie. (Orgs.). **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

MARTINELLI, Maria Lúcia. (Org.). **Pesquisa Qualitativa – um instigante desafio**. Núcleos de Pesquisa 1. São Paulo: Veras, 1999

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

_____. SOUZA, E. R. Violência e saúde como um campo de interdisciplinar de ação coletiva. **História, Ciências e Saúde – Manguinhos**, IV (3), p. 513-531, fev. 1998.

_____. ASSIS, Simone Gonçalves de; NJAINE, Kathie. É possível construir relações amorosas sem violência. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; NJAINE, Kathie. (Orgs.). **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

NOVAES, Regina. **Juventude e sociedade**: jogos de espelhos sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. s/d, mimeo. Disponível em: <http://antropologia.org.br/arti/colab/a38-novaes.pdf> Acesso em 25 fev. 2015.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Indepth study on all forms of violence against women*. New York, 2006. Disponível em:

<http://www.un.org/womenwatch/daw/vaw/violenceagainstwomenstudydoc.pdf>.

Acesso em: 25 fev. 2015.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. *Cultura e Representação*. **Projeto História**, n.14, São Paulo: Educ, 1997.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Maria Cristina A. (Orgs.) **Uma Questão de gênero**. São Paulo; Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

_____.; ALMEIDA, Suely Souza de. *Violência de gênero: poder e impotência*. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter Ltda, 1995.

_____. *Violência de Gênero: lugar da práxis na construção da subjetividade*. **Lutas Sociais**, nº 2, PUC/SP, 1997, pp.59-79.

_____. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. – (Coleção Brasil Urgente).

SCHAIBER, Lilia Blima; D'OLIVEIRA, Ana Flávia Lucas Pires. *Violência contra mulheres: interfaces com a Saúde*. In: **Interface** - Comunic, Saúde, Educ. 5, agosto, 1999.

_____. [et al.]. **Violência dói e não é direito**: a violência contra a mulher, a saúde e os direitos humanos. São Paulo: UNESP, 2005. – (Saúde e cidadania).

SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. Tradução de Guacira Louro, versão em francês. Revisão de Tomaz Tadeu da Silva de acordo com o original em inglês. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n.2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **O que são direitos humanos das mulheres**. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos, 321).

Artigo:

Submetido em 28.07.2014

Aceito em 23.02.2015